



A MORTE E O MORRER NO HOSPITAL: IMPLICAÇÕES NA EQUIPE DE SAÚDE

Bruno Lemes da Silva; André Weber de Vargas; Luana Molz Rodrigues;
Suelen Machado de Freitas; Makely Ferreira Rodrigues.

Introdução: Enquanto seres humanos e sociedade, talvez a única certeza que temos na vida é da própria finitude, contudo, falar sobre a morte e o morrer ainda se trata de um tabu. No contexto hospitalar, percebe-se que, assim como os pacientes e seus familiares, frequentemente a equipe de saúde é implicada pelo processo de finitude da vida dos pacientes, apresentando sintomas relacionados ao luto. Nessa esteira, reflete-se o lugar da(o) Psicóloga(o) como aquela que acolhe as angústias do paciente, e por vezes da equipe, e se encontra confrontado com as próprias angústias envolvendo a temática. **Objetivo:** Compartilhar reflexões sobre atendimentos psicológicos no processo de terminalidade da vida. Metodologia: Trata-se de um relato de experiência, estudo observacional e transversal, fundamentado em registros de diário de campo. **Discussão:** O modelo biomédico de ensino, ainda predominante nos sistemas de ensino dos profissionais da saúde, não prepara de forma integral (biopsicossocial) a assistência no processo de terminalidade do paciente. Neste sentido, quando os profissionais da assistência se deparam com esta realidade, percebe-se uma limitação acerca da compreensão técnica e de habilidades emocionais frente a morte e o morrer. Ademais, pelo fato da morte estar presente no cotidiano do ambiente hospitalar, não adentrar com o paciente em reflexões acerca da existência e finitude, se apresenta como um mecanismo de defesa destes profissionais. O profissional se depara com a impotência frente à finitude, despertando fenômenos psíquicos que socialmente são evitados e silenciados. No que tange aos atendimentos dos pacientes, durante a escuta psicológica de uma morte iminente, muitos destes não estão responsivos, assim, o atendimento psicológico é direcionado para seus familiares. Frente a este processo de terminalidade, percebe-se no discurso destes, a angústia desta espera e, subsequentes sentimentos ambivalentes: o desejo de não perder, e ao mesmo tempo, o desejo pelo fim da angústia e sofrimento tanto do paciente quanto do familiar, sendo simbolizado como o fim de um ciclo. Neste contexto, é fundamental que a Psicologia valide o paradoxo de sentimentos vivenciados pelos familiares, favorecendo uma elaboração saudável do luto. Paralelamente, torna-se necessário que os profissionais reflitam sobre suas questões e implicações despertadas nesses atendimentos. Afinal, ao lidar com pessoas em processo de terminalidade, é quase inevitável a contratransferência, já que somos seres constituídos por relações. Como afirma Ana Arantes, “para amar é preciso saber perder”. **Considerações finais:** Trabalhar com a finitude é



desafiador, dado que os psicólogos são integrados ao atendimento a estes pacientes e suas famílias. A partir disso, é papel da Psicologia validar o desejo dos pacientes, assim como fortalecer a tríade paciente|família|equipe, promovendo o suporte emocional frente a elaboração do processo de luto.

Palavras-chave: Hospital. Morte. Assistência terminal.